

SESSÕES DO PLENÁRIO

63ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 22 de novembro de 2018.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA LULA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Invocando a proteção de Deus, sob a permissão dos orixás, inquices e voduns, damos por iniciada a presente sessão especial alusiva ao Dia da Consciência Negra e em homenagem aos 100 anos do Terreiro Raiz de Ayrá. Essa sessão especial que... proposta pelo deputado Bira Corôa.

Neste exato momento, quero convidar para compor a nossa Mesa a Sr.^a Procuradora de Justiça Márcia Regina dos Santos Virgens (palmas), representante da procuradora-geral de Justiça, Dr.^a Ediene Santos Lousado; convido para compor a nossa Mesa o Sr. Sociólogo e Assessor da secretária de promoção da igualdade racial, Ailton Ferreira, que neste ato representa a secretária Fabya Reis (palmas); convido para compor a nossa Mesa o Sr. Vereador da cidade do Salvador Sílvio Humberto (palmas); convido para compor a nossa Mesa o Sr. Diretor Rafael Fontes, representante do diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, representando neste ato Zulu Araújo (palmas); convido para compor a nossa Mesa a ialorixá Mariá, do Terreiro Raiz de Ayrá (palmas); convido para compor a nossa Mesa o tata Ricardo Tavares, do Terreiro de Lemba (palmas); convido para compor a nossa Mesa o axogun Tacun Lecy, do Terreiro Raiz de Ayrá (palmas); convido para compor a nossa Mesa o ogã Francisco Régis Ferreira Bonfim, do Terreiro Raiz de Ayrá (palmas); convido para compor a nossa Mesa o ogã Lee Ojuobá, do Terreiro Raiz de Ayrá. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Neste momento, convido o axogun Tacun Lecy para ler a história do Terreiro Raiz de Ayrá.

O Sr. TACUN LECY:- Boa tarde a todas, todos. Em nome de Olorum, a benção a todas as pessoas presentes nesta Casa.

Então, iniciar esta tarde de hoje contando um pouco da história do Terreiro Raiz de Ayrá, hoje comandado e zelado pela ialaxé Mariá Kecy.

(Lê) “A história do Terreiro Raiz de Ayrá se inicia no ano de 1917, no município de São Félix, estado da Bahia, pelas mãos de João Balbino dos Santos, um homem negro que, sob a luz de Xangô, ficou responsável por plantar todos os fundamentos dessa Casa. Esse axé ramificou, cresceu, deu frutos e tornou esse espaço sagrado um alicerce da cultura religiosa jeje-nagô do Recôncavo Baiano que no ano de 2017 completou 100 anos de existência.

Nascido em 1º de novembro de 1902 e criado dentro do candomblé de Sinha Clara de Jesus, numa comunidade conhecida como Charqueada, desde cedo os orixás indicaram que aquele menino deveria assumir a missão de dar seguimento à sua vida religiosa no candomblé e cuidar de todas as pessoas que na sua porta chegassem à procura de luz. Com o entendimento e a permissão dos seus pais biológicos, aos 15 anos João foi iniciado no axé para os orixás Oxum e Oyá e logo passou a cumprir aquilo que havia sido determinado para a sua vida. Ainda nesse tempo, foi revelada a João a herança de uma energia que guiaria todos os seus passos durante a sua caminhada neste mundo: Xangô se manifestava para assumir de vez a sua cabeça e cuidar dos seus seguidores.

Sinhá Clara acompanhou o jovem João nesse início, ficando próxima e o orientando até que ele tivesse o tempo necessário para assumir de vez a condução do terreiro, tornando-se um Babalorixá.

Nesse começo, tudo era muito simples, feito e sustentado pela fé em Xangô. Seu João 'batia' o candomblé no fundo da sua casa, em um caramanchão com os paus fincados na terra, fechado com folhas de coqueiros e coberto com uma lona. Carecia de estrutura física, porém não faltavam adeptos e admiradores para louvar Orixá.

As festas enchiam o espaço de pessoas que iam viver o candomblé de João Três Toras – como ele era conhecido pelo fato de ser alto e forte. Foi em uma das festas para Xangô que o fazendeiro Arthur dos Santos Reina apareceu com o propósito de fazer um pedido ao Orixá, prometendo que se alcançasse a graça pedida, doaria um terreno para que Seu João realizasse as suas obrigações religiosas.

O pedido feito teve a sua graça concebida pelo Deus do Fogo e da Justiça. O terreiro foi levantado em uma localidade onde anos depois viria a ser construída a Barragem Pedra do Cavalo e ficou popularmente conhecido como 'Candomblé do 310'. Casado com a ialorixá Raimunda José de Santana Santos, com quem teve 17 filhos, João Três Toras conduziu o Candomblé do 310 até o final da década de 40, quando, por motivos pessoais, precisou mudar-se para Salvador, transferindo o terreiro para a Baixa do Tubo, no bairro de Cosme de Farias, ficando vizinho ao terreiro de Olga do Alaketu. Endereço novo, tradição antiga.

As festas no terreiro continuavam animadas e sempre cheias de gente. Todos queriam conhecer o candomblé que veio do Recôncavo para Salvador, e foi assim por muito tempo, até que João Três Toras, por designações religiosas, foi morar no Rio de Janeiro, na Estrada do Capim Melado, no bairro de Belford Roxo, em Caxias.

Mesmo passando a maior parte do tempo no Rio, João Três Toras sempre vinha à Bahia para ver sua família, seus filhos de santo e orientar as obrigações da Casa. Foi nesse período que Irineu Ferreira passou a frequentar o terreiro e logo foi confirmado pejigan.

Foi através de Irineu que passou a frequentar o terreiro aquela que um dia viria a se tornar a sua zeladora. Nascida em 18 de julho de 1934, Mariá Ferreira dos Santos, filha de Oxum com Oxóssi, começa a frequentar o terreiro por motivos de saúde, depois de não encontrar a solução para aqueles problemas com os médicos na capital baiana. Vencida essa demanda, Mariá se torna uma pessoa muito presente na

rotina da Casa e passa a dar uma atenção especial ao seu babalorixá, aos membros do terreiro e, em especial, aos orixás, até que em 1959 ela é confirmada equede e passa, junto ao seu irmão Irineu, a dividir as responsabilidades da Casa, sempre seguindo as orientações do babalorixá.

No final do ano de 1974, João Balbino dos Santos recebe um aviso através do jogo de búzios. Então, o babalorixá se prepara no Rio de Janeiro e embarca para a Bahia para cumprir aquela que seria a sua última missão com Xangô.

Em janeiro de 1975, João Balbino dos Santos desembarca em Salvador e segue para preparar as obrigações que culminariam com a entrega do cargo de ialaxé para Mariá e a passagem do comando do Terreiro Raiz de Ayrá para a sua filha querida. Logo em seguida, Seu João retornou ao Rio de Janeiro para não mais voltar à Bahia. Dez meses após o ato, no dia 15 de outubro de 1975, João Balbino dos Santos faz a sua passagem para o Orun, finalizando o seu ciclo religioso na Casa e dando início a um novo, ciclo esse que ficaria sob as responsabilidades e o comando da ialaxé Mariá Kecy. E é sob os cuidados de mãe Mariá Kecy que o Terreiro Raiz de Ayrá retorna para a sua cidade de origem, São Félix, sendo reaberto em 9 de maio de 1976 para dar continuidade aos ensinamentos do seu fundador, salvaguardar o axé de Xangô e perpetuar através dos tempos aquela que é uma das principais heranças da diáspora africana no Brasil: o culto aos orixás.”

Esse é um breve resumo da história do Raiz de Ayrá, não temos como, em uma tarde, falar de tudo que acontece lá. Eu queria dizer que é extremamente, muito, importante, especialmente no tempo de hoje, estarmos aqui celebrando o centenário de um terreiro, o centenário de uma instituição religiosa que durante anos, e anos, e anos foi perseguida de forma tão brutal pelo Estado. E ainda continuamos, a luta ainda não parou, mas hoje temos mais voz, temos mais força, nós temos representantes no Estado, nas assembleias, que nos permitem estar aqui celebrando este momento.

Meu nome é Tacun Lecy, eu fui confirmado por mãe Mariá em 19 de dezembro de 2009, mas frequento essa Casa desde 1999, são 20 anos seguindo todos os passos que me foram ensinados ali dentro, através dela, através de pai Ineu. Para mim, é um orgulho muito grande estar aqui podendo representar um pouco de meus irmãos, um pouco desse axé de Xangô, um pouco da história de Seu João. E eu desejo que, além da questão de estarmos comemorando, nós saíamos daqui com uma reflexão na cabeça sobre o que realmente vale a pena, a gente estar cultuando orixás, a gente estar junto numa plenária como essa.

Agradecer especialmente ao Bira, por essa iniciativa, porque realmente nós temos que passar a cobrar cada vez mais desses representantes um espaço para podermos falar um pouco da nossa história e brigarmos por aquilo a que nós temos direito. Não nos foi dado (Palmas)... Obrigado. Não nos foi dado, não caiu em nosso colo, nós carregamos a herança de ancestrais que, à base de sangue, de suor, à base de morte, de sacrifícios, conseguiram trazer toda essa diáspora religiosa para aqui, para o Brasil.

Então eu desejo pelo dia de hoje, meu pai Odé, que ele dê uma boa-tarde a todos e a todas, e que sigamos o fluxo aqui com as homenagens ao Terreiro Raiz de Ayrá, em especial à principal representante desta Casa hoje, que é minha mãe Mariá Kecy.

Boa tarde. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Aproveito para convidar para compor a nossa Mesa, ao mesmo tempo em que me desculpo por não tê-las convidado logo na formação da Mesa inicial, mas sempre representadas... quero convidar a Sr.^a Joselita Sampaio Lopes, neste ato representando a Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte (palmas); convido também para compor a nossa Mesa a ialorixá Juçara Lopes, do Terreiro Ilê Axé Obalajá. (Palmas)

Assistiremos à apresentação cultural da banda Tambores do Mundo com a dança afro.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Bom, enquanto Lindinalva se organiza ali, eu vou adiantando aqui, passando... Concedo a palavra ao tata Ricardo Tavares, do Terreiro de Lemba. (Palmas)

O Sr. RICARDO TAVARES:- Boa tarde a todos e a todas (O orador faz uma saudação). Peço licença à ancestralidade, peço a bênção ao meu pai Lemba, que me permite estar aqui hoje. Saúdo essa grande rainha, essa grande mulher, majestosa mulher negra escolhida por Xangó para sentar no seu trono. Por hora, adentramos numa Casa regida pela democracia, em um estado que se diz laico, mas que, com certeza, por todos os símbolos que compõe esta Casa – basta olhar para cima, para aquela saída/entrada –, vemos o quanto não é. Mas celebrar 100 anos, do Terreiro Raiz de Ayrá, é motivo de festa. Cem anos de resistência, 100 anos de luta, luta afirmativa de vitalidade, de promoção, de amor, de acolhimento, de salvaguarda. Sua bênção, minha rainha linda, como tenho o costume de falar todos os dias.

Peço a bênção a todas as mulheres de candomblé, maiores, mais velhas, iguais, mais novas, mais mulheres e a todas as pessoas presentes. Quero saudar o proponente da sessão, deputado da comissão, presidente da comissão desta Casa, da Reparação, da Promoção da Igualdade, deputado Bira Corôa, que de forma acertada... Não sei qual o outro, diante dessa crise moral e política que o Brasil enfrenta, poderá celebrar nesta Casa o centenário de uma casa de candomblé.

Parabéns ao senhor, deputado. Privilégio seu, privilégio seu! Não sei qual outro poderá registrar nos Anais, nos documentos, nos registros palpáveis, documentados nesta Casa, o centenário de uma casa de candomblé.

Mãe Mariá Kecy, uma filha de Oxum, os itans, a lenda da religião iorubana... eu sou de candomblé Banto, sou da nação Angola, mas sou baiano, sou soteropolitano, o candomblé da Bahia é essa grande mistura de raízes. Porque dizem

que debaixo da terra, numa grande floresta, todas as árvores se abraçam. Por isso que se diz: “Ninguém solta a mão de ninguém!”. (Palmas)

A senhora só nos orgulha, Mãe Mariá!

Dizem que quem quer saber o que tem lá, vá no Raiz de Ayrá, que a gente encontra uma mulher cheia de sapiência, de sabedoria, alegria e muita malemolência para alegrar, nutrir e fortalecer todos que ali batem. Ora molhada, por estar na tina batendo barrela, porque é o que ela gosta de fazer, levar roupa. Mas escrevendo o que ela tem para escrever, materializando todo o seu conhecimento que, com certeza, a senhora não conseguirá materializar nem 1% do que a senhora detém. Quero dizer a todas essas pessoas de candomblé que aqui estão... pedir a bênção a minha madrinha Ebomi Nice, essa mulher renomada, forte e guerreira. (Palmas) Minha madrinha, feliz estou por ser escolhido para fazer parte dessa bancada.

Não quero me alongar na fala, porque quero poder viver muito para beber das águas da sabedoria de mãe Mariá. E dizer, mãe Mariá, que a senhora representa o trono de Xangô, com muito esmero. Se eu pudesse descrever, a senhora não seria, certamente, o ouro que fundiu a coroa, mas, com certeza, a senhora seria as pedras cravejadas que estão nela e o brilho que o ouro tem, porque a senhora é vida! Vida longa, mais 100 anos ao Terreiro Raiz de Ayrá! Saúdo a memória de pai Balbino e de Xangô.

Quero cantar uma cantiga da minha nação que diz que eu estou feliz, porque o sol clareou e porque eu sou filho de Deus e resisti por isso. Ela é dedicada ao Inquice Zazi, sincretizado, na nação Iorubá, ao orixá Xangô.

Queria pedir que se levantassem, por favor, em respeito a essa azuela que vou tirar.

(O orador canta.)

Como quibuco, a felicidade me traz aqui. Eu estou vivo, porque o meu Deus me torna forte! Vida longa ao Terreiro Raiz de Ayrá! Vida longa à matriarca do Terreiro Raiz de Ayrá, mãe Mariá Kecy! A bênção, minha mãe. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra a Lindinalva de Paula para que ela possa registrar algumas presenças.

A Sr.^a Lindinalva de Paula:- Boa tarde a todas e a todos.

Peço a bênção e peço licença à ancestralidade e as minhas mais velhas, aqui representadas pela irmandade, por Ebomi Nice e Jacira Miranda, que irão usar a fala antes de vocês.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Lindi, permita-me convidar Samuel Vida para compor a nossa Mesa. Desculpe-me. Não recusa um convite. (Palmas)

A Sr.^a Lindinalva de Paula:- Bom, quero registrar e agradecer a presença, primeiro, dos filhos de santo, das equedes, ebomis e ogans aqui presentes, do Terreiro Raiz de Ayrá; de Ebomi Nice Espíndola, do Terreiro da Casa Branca; equede Adeilde Lemos, do Terreiro Raiz de Ayrá, e também integrante da Irmandade da Boa Morte;

eque de Iraclides Nascimento, do Ilê Axé Alá Ibi; kota Jaína Sales, do Terreiro de Lemba; Rafael Fontes, diretor do Centro de Memória da Bahia; Sr. Fábio Lima, da assessoria da senadora Lídice da Mata – inclusive ele trouxe um documento, que nós vamos ler –; a ialorixá Jacira Miranda, presidente da Rede Religiosa de Matriz Africana do Subúrbio; Maria Lameu da Silva Santos, Terreiro Dacossidê; Nilza Bonfim, Rosário dos Pretos; Cleuza Maria Santana dos Santos, da Irmandade da Boa Morte; Carmelito Almeida, diretor da ABI; Ana Maria Sampaio, do Terreiro Onzó Mameto Zumbá; eque de Creuza, representando o Terreiro Humpame Ayono Huntóloji; Diogo Rodrigo, fotógrafo do Centro de Memória da Bahia; Marise Barros, do Ilê Axé Togum; Wellington Oliveira, jornalista da Câmara Municipal; Jucimara Reis Souza, sargenta da Polícia Militar da Bahia; Jurandir dos Santos Araújo, tenente do Corpo de Bombeiros; Heraldo Vieira Lustosa, tenente do Corpo de Bombeiros; Cerqueira, subtenente dos Bombeiros. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Aproveito, também nos registros... a senadora Lídice da Mata encaminha um comunicado a esta Casa, vou abreviar para não ler todo o comunicado. Quero destacar que a nossa senadora não pôde estar presente nesse ato, em função de um compromisso anteriormente assumido. Mas ela reporta para todos nós a satisfação, o respeito e, acima de tudo, a importância de estarmos celebrando, no dia de hoje, uma sessão especial tão significativa para a afirmação da nossa identidade sociocultural e religiosa. Ela manda um abraço muito forte a todos e todas e, em especial, à mãe Mariá, por conduzir não apenas um templo religioso, mas ser, acima de tudo, alguém que acolhe, que acaricia, que orienta e que assume o papel de uma mulher que identifica, no seu tempo e na nossa era, um espaço novo, pela força, pela luta, pela disposição, pela coragem e pela afirmação do candomblé no nosso estado e no nosso país.

Senadora Lídice da Mata. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra ao Sr. Rafael Fontes, nesse ato representando o diretor da Fundação Pedro Calmon. (Palmas)

O Sr. RAFAEL FONTES:- Boa tarde a todos. Quero cumprimentar a Mesa, na pessoa do deputado Bira Corôa, que propôs esse ato, e quero cumprimentar, com um abraço de Zulu e da Fundação Pedro Calmon, a mãe Mariá Kecy.

Nesse momento, nós, da Fundação Pedro Calmon, pensamos muito no papel do estado frente às celebrações de alguns centenários dos terreiros, que é o caso do Raiz de Ayrá.

Por muito tempo, a memória oficial da Bahia foi pautada na memória dos chamados grandes homens ou dos políticos, ou apenas daquelas personalidades que tinham um papel institucional. Nós temos, há algum tempo, atuado no reconhecimento da memória de outras figuras e de outros personagens que são tão importantes para a construção da memória da Bahia e da história da Bahia. E no caso de um terreiro – desse terreiro Raiz de Ayrá –, é fundamental para entendermos como a religiosidade afro-brasileira, como as diversas nações – e neste caso a nação Nagô – constroem a nossa identidade baiana e a nossa forma de pensar, de atuar, de fazer.

É por isso que nós da Fundação estamos aqui, em especial, trazendo esse abraço, mas nos comprometendo com a construção de uma memória e de uma história, também do candomblé, para a construção da história da Bahia.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Assistiremos a mais uma apresentação cultural da Banda Tambores do Mundo.

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra a Lindi de Paula para continuar registrando as presenças.

A Sr.^a Lindinalva de Paula:- Nosso agradecimento à nossa eterna rainha do Ilê Aiyê, Dr.^a Sueli Conceição; agradecer a presença da nossa professora Nilza, priora do Rosário dos Pretos; à iaquequerê, Sandra Bispo, do terreiro Ilê Axê Oxumarê; à nossa capitã, Taís Trindade, coordenação de matriz africana da PM – Ba; Ekedí Regina Bonfim, do terreiro do Cobre; Álvaro Santos; nosso irmão Egberto Santana; Juliana Dias, do terreiro Raiz de Ayrá; Meire Kazumbá, terreiro Raiz de Ayrá; à nossa irmã Cristina, da assessoria da deputada Fabíola Mansur; Cremilda Santos Góes; Luciano Silva, do terreiro Ilê Axé Togum; Tarcísio Ferreira de Jesus, diretor da Escola Dom Avelar; Renildo dos Santos; Josenildo Mendes Ojú Obá, terreiro Raiz de Ayrá; nosso irmão Nilo Rosa dos Santos, terreiro Raiz de Ayrá; nosso irmão também, Fabricio Lima Caiace, terreiro de Lemba e da comissão afrodescendente da OAB; Ednalda Góes, sobrinha da homenageada; Paulo dos Santos, terreiro de Lemba; Antônio Pereira, representando o terreiro Ilê Gi e a Irmandade da Boa Morte; Edson Ferreira, Ayrá; Nilza Prado, Ekedí, da Irmandade da Boa Morte também; Tom Nascimento, terreiro de Ayrá; José Raimundo, Leandro Bitencourt, Irmandade Nossa Senhora da Boa Morte; Ìyàmi Ìyálode, Terreiro do Cobre; Claudenice Góes, Terreiro de Ayrá; Luciano Rocha, Babá Kikere do Ilê Axé Oba Telá.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Quero aproveitar para convidar a capitã Taise para compor a nossa Mesa. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra ao Ogan Lee Oju Oba, para que ele possa proferir as suas palavras.

O Sr. OGAN LEE OJU OBA:- Boa tarde a todas e a todos, gostaria de pedir a benção, aurê minha mãe, aurê aos mais velhos e aos mais novos também, e aurê a todos, porque quando a gente está pedindo a bênção, está pedindo a bênção ao próprio orixá da pessoa.

Para nós, do terreiro, é com muita alegria, principalmente para eu estar aqui presente nesta Casa e estar falando da minha casa, do meu opagodô. Eu falo a todos que sou de Salvador, mas fui iniciado no Recôncavo. Fui criado para odiar o candomblé, como todo jovem da periferia de Salvador, quando passava no meio de um ebó dizia: “Deus é mais, está amarrado, está repreendido.” É o que a gente

aprende nas ruas, eu que venho das ruas, sou grafiteiro, e cheguei à casa pelo grafite, com o grafite, e acabei ficando por amor.

Até então, eu era um jovem que ainda estava se preparando para ser padre, hein, mãe? Eu estava estudando, me preparando para fazer vocacionado, até chegar onde eu estou hoje. Estou há 14 anos com muito orgulho, nessa casa.

Sempre digo a todos que – muitas vezes quem me vê na rua nem imagina que sou um ogã, que sou confirmado no Recôncavo baiano. Todos falam, como eu cresci e antes de me tornar o que sou hoje, um grande artista de rua, o povo falava: “Lá vai o futuro traficante de rua! Um futuro marginal de rua! E esse marginal, que escutou de professores que seria não nada na vida, que seria um vagabundo, que preto pobre não sabia ler e nem escrever, se formou em Pedagogia. (Palmas)

Esse mesmo preto, pobre, que era dito como pichador, porque eu fui, com muito orgulho, fui pichador desde 1993, mas eu digo que se não fosse o grafite, a cultura hip hop e a minha casa eu estaria mais um na estatística: morto. Porque você nascer e se criar na periferia de Salvador não é fácil. E quando eu cheguei em 2004, no dia 05 de agosto de 2004, numa sexta-feira, numa neblina branca fechada, e eu nunca tinha entrado numa casa de candomblé, deparei-me com uma casa coberta de árvores. E, de repente, às 6 horas da manhã eu escuto um som que o ogan Gue Luá colocava: eles estão vindo de lá, do mesmo lugar, porque eu cheguei com o grupo Erê Gegê. Eu me deparei olhando para a janela, e vi o Rio Paraguaçu, foi paixão à primeira vista. Aquele mesmo jovem que cresceu odiado, para odiar um terreiro de candomblé, se apaixonou pela casa, pela casa de Xangó. Quando o pessoal me via na rua, diziam: “Esse menino deve ser de Oxóssi! “Esse menino deve ser de Oxóssi com Ogum, porque eu nunca vi um traste desse!” Mas esse menino se deparou em um filho de Xangó com Ogum, com muito orgulho. (Palmas)

Falar do terreiro Raiz de Airá para mim é falar da minha mãe, principalmente. Vou falar da minha casa, mas primeiro vou falar da minha velha. Quem olha para essa doce pessoa não imagina a batalha que ela trava, como ela luta pela casa. Ela acorda às 4 horas da manhã, muitas vezes nem dorme, não é minha velha? Ela só falta bater na gente quando não aparecemos por lá: “Menino, você tem que aparecer na casa! “Minha mãe, estou trabalhando!” “Ninguém mandou escolher casa longe, tem que aparecer!” E quando a gente é ordenado a gente aparece.

Eu, como educador, reforço todos os dias para os meus alunos, que foi o que me cativou e me cativa até hoje dentro de uma casa de axé, a frase: ordem e respeito. Foi uma das primeiras palavras que escutei e li quando cheguei na casa. Quando eu descia a pirambeira, aquela ladeira, e chegava dentro do barracão, na época o teto ainda era baixo, me deparava com essas palavras escritas na frente: ordem e respeito. Eu aprendo todos os dias, estou aprendendo todos os dias. Eu digo que candomblé você não nasce sabendo, você vai frequentar 300 casas, vai frequentar todos os dias sua casa de axé e nunca vai estar sabendo, você sempre vai estar aprendendo.

Só tenho uma coisa a falar: minha mãe, te amo. Obrigado por me acolher nesta casa, obrigado por ter posto os 10 dedos da senhora no meu ori, a senhora, a Xangó e a Oxum em primeiro lugar.

Axé. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra ao Ogã Francisco Regis Ferreira Bonfim. (Palmas)

O Sr. FRANCISCO RÉGIS FERREIRA BONFIM:- A bênção a todos.

É motivo de alegria a gente estar aqui comemorando os 100 anos de um terreiro. Sei lá, a gente vem de uma época em que o candomblé era proibido; a gente evoluiu, conseguiu com a força dos orixás caminhar, ter uma casa renomada, com uma mãe de santo respeitada. Ela é uma fera, mas é uma pessoa doce; briga, mas no fundo é uma pessoa doce.

A gente agradece muito a todas as forças que convergiram para a que conseguíssemos comemorar estes 100 anos. Que a gente consiga comemorar muitos e muitos outros 100 anos! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra ao vereador Sílvio Humberto. (Palmas)

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO:- Boa tarde a todos.

Bênção aos mais velhos, aos mais novos. Mãe Mariá, sua bênção. Estava ali ao seu lado sendo contagiado pela sua emoção, quando a ouvi dizer: “Não me chame para falar, não, porque estou emocionada”. Aí eu lhe disse: “A boca só fala do que o coração está cheio”.

O coração está tão cheio de emoção por celebrarmos 100 anos de resistência, principalmente neste tempo tão temeroso, que tende a se tornar tenebroso. E aí parabênzo o nosso deputado Bira Corôa... (palmas) porque é importante estar neste espaço e fazer isso. Ocupamos estes espaços para reconhecer a história dos nossos.

Para mim é uma grande emoção, neste momento, participar desta atividade, desta justa homenagem, porque ser alguém que tem a capacidade de cuidar das coisas, das pessoas e das energias, é um dom que precisa ser celebrado. Estes 100 anos são 100 anos de resistência! Por isso, com essa força que temos, não temos de temer apenas 4 anos. O que são 4 anos na história de resistência do nosso povo? (Palmas)

Certamente, eles, elas e ele vão passar, porque outros passaram e nós resistimos. Fomos proibidos... quando eles pensaram que iam nos fazer desaparecer, mesmo com a escravidão conseguimos trazer tudo na cabeça, recriamos e nos reconectamos. Fizemos uma primeira conexão com os povos indígenas, e agora estamos nesse processo de reconexão, inventamos, criamos.

Então, quando estivermos achando que não tem jeito e ficarmos com aquela tentação de ir à beira do rio para sentar e chorar, temos de lembrar do que tínhamos, que estávamos assim. Temos de lembrar do tanto que fizemos e do que continuamos a fazer.

Olhem o exemplo do Raiz de Ayrá: são 100 anos. Era um nada, aparentemente começou somente com o desejo, somente com a intuição. E quanto fizemos! Quando foi necessário, saiu do Recôncavo para Salvador, de Salvador para o Rio. Voltou, recriou, de volta ao começo, e aí está.

Dizem que se conhece se a árvore é frondosa pelos seus filhos. Eu, que conheço alguns dos seus filhos, afirmo que certamente nós vamos fazer mais 100 anos, e 100 anos, e 100 anos.

Parabéns e meus sinceros agradecimentos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Lindinalva vai fazer mais registros.

A Sr.^a Lindinalva:- Ilê Alabaxé, na memória do Sr. Edson dos Santos, pai Edinho de Oxóssi; Sr.^a Tomázia Ferreiro, Raiz de Ayrá; Geruza Menezes, Terreiro Raiz de Ayrá; e Tomaz Gabriel, Terreiro Raiz de Ayrá. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra a Ailton Ferreira, neste ato representando a secretária Fabya Reis. (Palmas)

O Sr. AILTON FERREIRA:- Agô Bandagira, a bênção; a benção a minha iaquequerê, ebomi Sandra de Iemanjá; a benção a minha mãe Nilza Bonfim, da nossa Irmandade dos Pretos e das Pretas. Cumprimentando essas duas lideranças religiosas, cumprimento esta plenária. E em nome da secretária Fabya Reis, cumprimento o deputado Bira Corôa e todos e todas.

A secretária Fabya Reis esteve aqui, ficou um pouco com Bira e algumas pessoas, mas teve de ir para outra atividade que está acontecendo lá em Itapuã, que trata das relações Brasil-África. Estão reunidos nesse evento uns 20 países da América Latina, do Caribe e de alguns pontos da África. Ela já estava atrasada, porque marcaram para 4h30min, mas parece que as delegações tinham de viajar e, por isso, começou mais cedo. E assim ela teve de se retirar.

Então coube a mim a honra de estar aqui representando a secretária, na condição de assessor da secretaria. Mas eu peço licença ao deputado Bira Corôa, à todas as pessoas da Mesa e à plenária para aqui também falar na condição de homem religioso, de ogã confirmado por Axé Oxaguiã, na Casa de Oxumarê, de um homem negro que pertence à religião.

Aproveito também para cumprimentar o ex-deputado Isaac, que aqui representa outras denominações religiosas. (Palmas) E temos que nos respeitar e respeitar todas as pessoas.

Pois bem, em nome da Sepromi, quero ressaltar a importância desta sessão que o deputado preside, coordena e é propositor. Quero também parabenizar Gerusa por sua luta para que esta sessão acontecesse. Eu soube que muita gente estava querendo desistir, mas ela não desistiu e ajudou, junto com Lindinalva, para que esta sessão acontecesse. (Palmas)

É importante situar que esta Casa Legislativa, esta Assembleia da Bahia, que representa o nosso povo, só faz coisas parecidas a esta que estamos participando

agora quando tem no seu quadro pessoas comprometidas, pessoas que vestem as nossas camisas, que carregam as nossas propostas, que se preocupam e são cuidadosas com as nossas pautas.

É bom registrar que durante os mandatos do deputado Bira Corôa eu tive a oportunidade de várias vezes estar presente em sessões cuidando e tratando de africanidades. Discutimos aqui o Dia da África, o 20 de novembro; buscamos a construção do Estatuto da Igualdade Racial, e assim em 2014 ele foi sancionado; tratamos da educação, com a Lei 10.639. Também debatemos questões relacionadas com o povo de umbanda, com a comunidade LGBT; conversamos com os indígenas.

Tudo isso porque o deputado Bira Corôa tem este compromisso. Ele tem esta base social e representa essa comunidade. Seria bom se tivéssemos outros Biras Corôas para fazer este papel importante, fundamental. Os orixás, os inquices, os voduns nos dão portas, nos dão luzes, nos dão caminhos, mas nós somos as ferramentas e temos de fazer a política, nós temos que eleger os nossos. Nós temos de identificar quem são os nossos representantes para colocar na Câmara, na Assembleia, em Brasília; precisamos eleger prefeito. (Palmas)

Salvador não suporta mais não ter uma prefeita negra, um prefeito negro. Salvador teve em 1978 teve um prefeito interino, que foi o eminente professor Edvaldo Brito. Trinta anos depois, vereador Sílvio Humberto, o mesmo Edvaldo Brito foi vice do prefeito João Henrique.

Com tantas lideranças negras, homens e mulheres forjados e forjadas neste tempo todo, em 4 décadas, infelizmente, os nossos partidos – nem o meu! – não visibilizam lideranças negras para ocuparem espaços. Então, a gente fica nessa dificuldade e não consegue levar a força que a gente tem – nos nossos templos, nas nossas manifestações – para o campo da política.

É importante ter a beleza e a exuberância dos blocos afros, é importante ter a fé, a beleza, a exuberância dos terreiros de candomblé, mas também é importante ter essa exuberância e essa força retratada nos espaços dos Poderes Judiciário, Executivo e Legislativo. Se não for assim, o estado não dialoga conosco, porque ele não nos entende, não nos compreende e, muitas vezes, nem sequer nos aceita. Então, sessões como esta são importantes para fazer a mudança que a gente precisa fazer.

Voltando agora à principal personalidade desta tarde, a nossa mãe Mariá, que é um exemplo de retidão. As pessoas falam da beleza, da suavidade, mas é, também, às vezes, da chamada de atenção, da correção. Ela tem esse misto. Eu penso, Mãe Mariá, que não tem muita novidade. Nós somos assim, ou seja, às vezes, espada, às vezes, água, às vezes, rosas, às vezes, flores, às vezes, beijos, às vezes, abraços. Nós somos dessa complexidade.

Ela é uma pessoa reta, mas é uma pessoa, extremamente, cuidadosa com os seus filhos, é uma pessoa disciplinada e, ao mesmo tempo, muito carinhosa, é uma pessoa extremamente vaidosa, que sai de São Félix para fazer as unhas aqui em Santa Mônica. (Risos) (Palmas)

E, nos 70 anos dela, foi um momento também de afirmação. Os 70 anos, deputado Bira Corôa, foi em um espaço bonito, ali em Pernambués, no Cabula, um

espaço de eventos para 400 pessoas, todas vestidas a rigor, com New York, New York, através da banda do maestro Reginaldo de Xangô. E essa mulher chega àquele espaço, esperada por 400 pessoas, em roupa de gala, e ela entra triunfante como verdadeira rainha africana. (Palmas) E algumas pessoas podem dizer assim: mas para que tanto luxo? Sim, este luxo, também, faz parte de nós! Nós fomos escravizados aqui, mas nós éramos reis e rainhas lá. (Palmas)

Então, aqui, nós estamos reverenciando a rainha Mãe Mariá, de São Félix, que é de Cachoeira, que é da Bahia, que é de Salvador, que é de tanto lugar, que é nossa mãe, que tem uma memória extraordinária, que conversa conosco 4, 5 horas e vai lembrando o nome de todas as pessoas e citando fato por fato.

Então estamos aqui celebrando isto: uma liderança negra, mulher, mulher de terreiro, de acolhimento que simboliza, aqui nesta tarde, a capacidade nossa e do nosso povo de construir a família que foi perdida nos navios negreiros, de reconstruir as bênçãos, o carinho e colo que nós perdemos, de trazer de novo a mãe, a avó, a tia e a irmã que, muitas vezes, a escravidão tirou de nós, de ser uma liderança de um espaço que não só faz o transcendental, o culto às divindades, mas também faz acolhimento, dá comida, dá mingau, dá amor, dá carinho.

Quando o Brasil aprender um pouquinho com a nossa gente como se acolhe, certamente não vamos estar pedindo prisões para menores e crianças abaixo de 14 ou 16 anos (palmas), porque os nossos terreiros sabem oferecer carinho, amor, afeto, abraço, rosas, flores e espadas também, porque aqueles que pensam que vão nos destruir, lembrem que nós podemos muito mais!

Axé! Parabéns! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra, para uma breve saudação, ao professor Samuel Vida. (Palmas)

O Sr. SAMUEL VIDA:- Eu gostaria de cumprimentar a Mesa, quebrando o protocolo, através da autoridade mais significativa que acompanha hoje a ialorixá Mariá Keci. (Palmas)

Quero, também, cumprimentar, extensivamente, o deputado Bira Corôa pela iniciativa importante e pelo significado histórico que tem esta sessão não apenas porque reconhece e homenageia um terreiro centenário mas também porque afirma um perfil de mandato parlamentar de representação que é aquele ao qual almejamos e buscamos construir, quais sejam, mandatos negros que dialoguem as nossas demandas e nos representem com a dignidade que as nossas pautas exigem.

Quero cumprimentar a plateia especialmente através da ebomi Cici, minha tia, minha referência maior nas nossas várias tradições e caminhadas. (Palmas)

Recebi a informação, na caminhada do povo de santo, organizada por nós, no Engenho Velho, no dia 15, que D. Mariá me procurava e não havia conseguido ainda me localizar, o meu irmão Cosme e ogã do Terreiro do Cobre também me informou. Imediatamente, peguei o contato e passei a tentar estabelecer comunicação

entendendo que certamente D. Mariá pretendia me apresentar alguma demanda e esta seria inescusável.

Finalmente, consegui falar com ela na terça-feira. Quando ela formalizou o convite, cancelei imediatamente o compromisso, pois teria de estar em Brasília hoje, porque não tenho dúvida de que não poderia ser outra a atitude, uma vez que esta é uma celebração necessária para todos, não é apenas o Terreiro Raiz de Ayrá que está aqui celebrando, é todo o povo de santo, é toda comunidade negra que se compreende como sistematicamente exposta a riscos e a ameaças na sociedade, mas compreende também como portadora de uma sabedoria ancestral de resistência, enfrentamento e vitória.

É importante dizer se é verdade que nós fomos vitimados por tragédias dentre as quais a mais grave é a de genocídio que atinge a nossa juventude. É também verdade que conseguimos dar provas indúvidas da nossa capacidade de resistência.

E a tradição religiosa representa a forma mais elaborada, mais sofisticada e mais completa da nossa resistência. Nós conseguimos preservar a língua, nós conseguimos preservar toda uma concepção de estética, musicalidade, memória e epistemologia que são ofertadas, sistematicamente, à sociedade brasileira.

Não serviu somente para nós se este país tem alguma dimensão de civilidade e de convivialidade, se este país ainda não explodiu no conflito aberto e irreversível é porque a nossa contribuição extrapola os muros e as fronteiras dos terreiros e perpassa a cultura popular e atinge os corações e as mentes, sobretudo, do povo e permite, assim, uma cultura aberta que dialoga e que aprende com os seus erros e reconstrói, permanentemente, sua trajetória e possibilita assim uma sociedade menos sofrida ainda que persistam engrenagens terríveis de reprodução da desigualdade que nós, também, continuaremos a enfrentar, resistir e superar.

Portanto esta é uma celebração que não poderia deixar de ter a nossa presença. Eu não poderia deixar de estar aqui e estou aqui como ogã de Xangô do Terreiro do Cobre (palmas), não estou como professor, não estou como intelectual, mas como integrante da religiosidade que se irmana, neste momento, com D. Mariá, com cada um dos ogãs, das ayás, dos irmãos e irmãs que se encontram presentes para afirmar, pública e institucionalmente, que nós estamos aqui.

E, assim como o Terreiro Raiz de Ayrá nos dá essa lição generosa e fantástica de resistência e de fortalecimento, nós continuaremos enfrentando todas as mazelas e estaremos na linha de frente da civilização deste país.

Continuaremos ofertando ao Brasil, continuaremos ofertando à Bahia os exemplos generosos que possibilitam sonhar com a democracia, acreditar na possibilidade da igualdade e superar todas as adversidades que se apresentem em nosso caminho.

Axé! Vida longa ao Raiz de Ayrá! (Palmas)

Vida longa a ayá Mariá Kecy e a todo o conjunto de irmãos e irmãs que integram essa comunidade de santo. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra, para uma breve saudação, à Capitã Taís.

A Sr.^a CAPITÃ TAÍS:- Boa tarde a todas e a todos.

Eu gostaria de pedir agô à nossa ancestralidade ao tempo em que peço a bênção às mais velhas, aos mais velhos, às mais novas, aos mais novos. Gostaria, também, de saudar a Mesa na pessoa do nosso deputado Bira Corôa.

Bom, é emocionante estar aqui. E, antes mesmo de começar a falar, eu gostaria de reiterar que, para além do orgulho trazido em meu ombro através destas três estrelas, existe um orgulho muito maior que está dentro do meu coração, que está dentro dos meus pés e me acompanha por onde caminho, que está na palma da minha mão: é o fato de eu ser filha de Ogum, (palmas) é o fato de eu ser ekedi de Xangô Ayrá (palmas) do Babá Ominidé.

E quando falo de Xangô Ayrá, Mãe Mariá, eu me emociono muito, porque esse homem é minha vida. E quando eu olho para senhora, eu não tenho como não me lembrar de minha mãe, Mãe Rose de Ayrá, e do meu terreiro, Mãe Mariá.

Eu ouvi uma história que mudou a minha vida e essa história, também, me faz lembrar quando eu olho para a senhora. Eu vou pedir agô, licença, ao deputado Bira Corôa, para contar essa história muito rápido e ela é muito breve. Eu gostaria da ajuda dos irmãos e irmãs que estão aqui para a gente fazer essa viagem rapidinho. É muito rápido. Em que pese a rapidez vá simbolizar a luta dessa história, eu gostaria que todos fechassem os olhos para a gente viajar nessa história. Todo mundo, por favor. Só vou liberar o pessoal das câmeras.

(Todos fecham os olhos.)

Imaginem-se há algum tempo atrás em África. Naquele lugar, vocês estão com suas famílias fazendo suas atividades diárias, arrumando a casa, ou trabalhando, ou reinando. Mas, de repente, um grupo de homens aparece e arranca você daquele lugar, arranca você da sua casa e te coloca num grande navio. Não, esse navio não é um cruzeiro. Esse navio é tipo um banheiro público, um banheiro químico. E nesse banheiro químico, que chamaram de navio, cada um de vocês vai ter que dividir os pequenos espaços com grandes famílias que estavam ali também.

Além disso, vários ratos habitavam aquele local. Tudo isso num período de 45 dias, nada se ouvia, nada se falava, sentindo apenas o balançar das ondas do mar. E, de repente, ainda ofuscados pelo raio de sol, alguém gritou: “Chegamos!”.

E vocês, como grandes mercadorias, foram sendo amontoados em um pequeno espaço. E entre (grita) “Abre a boca!”, “Feche os olhos!”, “Mostre os dentes!” se veem vendidos, numa verdadeira *black friday*, não é mesmo?

Filhos? Nem pensem! Cada um foi para seu lugar, que não era o seu lugar. Nomes? Esqueçam! Vocês serão rebatizados. E aquela reconexão que a gente fazia entre o Àiyé e o Òrun, tentaram retirar. Marido? Esposa? Isso vocês não vão ver nunca mais.

E tudo isso, toda aquela história que foi deixada em áfricas, vocês serão forçados a esquecer. Mas não! Não conseguimos esquecer! Não podíamos esquecer! Nós somos resistência, nós resistimos.

Portanto, tiramos nossos turbantes e fomos para as ruas vender os nossos acarás. Fizemos uma outra ligação de família, uma ligação não mais pelo sangue e sim por ajé. E toda essa religião, toda essa reconstrução familiar deu resultado hoje, permitindo, por exemplo, que eu esteja aqui, sendo uma capitã de polícia; permitindo, por exemplo, que Lee seja pedagogo; permitindo que nós estejamos aqui celebrando 100 anos do Terreiro Raiz de Xangô. Podem abrir os olhos! (Palmas)

Essa história, minha mãe, é a nossa história. É uma história que a senhora também ajudou a escrever. É a história que cada mãe de santo, cada pai de santo, cada líder religioso nos ensina. Essa história eu não aprendi na minha escola. Essa história eu aprendi no meu terreiro, com minha mãe de santo, Mãe Rose de Xangô Ayrá.

Minha mãe, vida longa para a senhora, para o terreiro da senhora. Que os filhos da senhora saibam ser filhos, porque a senhora merece.

Boa tarde a todos e viva meu pai Xangô Ayrá. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Concedo a palavra à Dr.^a Márcia Regina dos Santos Virgens.

A Sr.^a MÁRCIA REGINA DOS SANTOS VIRGENS:- *Káwó Kábièsi Ilé.*

(Palmas)

A benção aos mais velhos, *có makúúú, kuzodio*. Ex.^{mo} Sr. Deputado Estadual Bira Corôa, trago, do Ministério Público do Estado da Bahia, da procuradora-geral de Justiça, Dr.^a Ediene Santos Lousado, o abraço dos promotores e procuradores de Justiça a esta Casa, a V. Ex.^a, ao Terreiro Raízes de Ayrá e a mãe Mariá, essa mulher, essa dama, que permita me dirigir à senhora para relembrar que a primeira vez que a vi – não sei se a senhora se recorda –, no Aeroporto Dois de Julho, da nossa cidade, eu vi uma chama e me dirigi à senhora e disse: “A senhora é de Xangô?” E a senhora disse para mim: “Não, eu sou de Oxum”, não foi isso? Mas eu não vi Oxum, eu vi, com a vidência que a minha mãe Bamburucema Vula me deu desde o meu nascimento, eu vi Xangô. E quero, neste momento, saudar a Xangô: a Xangô da casa da senhora; a Xangô que está neste espaço; a Xangô que não nos deixou cair nesses 130 anos de falsa abolição; a Xangô que, com certeza, nos conduzirá à liberdade, à democracia plena, à promoção da igualdade racial em nosso estado.

Quero me dirigir, agora, às irmãs de santo, aos irmãos de santo deste Plenário, dizer que é uma alegria extraordinária, incomensurável que estou vivenciando nesta tarde, neste dia 22 de novembro. Eu fui surpreendida com a Dr.^a Ediene, que me pediu que viesse a esta sessão, porque está participando de um encontro na cidade de Ilhéus, com colegas do Ministério Público, e me solicitou que viesse representando o Ministério Público. É usual da Dr.^a Ediene fazer isso sempre que há solenidade na nossa cidade que são relacionadas a terreiro de candomblé, a religião de matriz

africana, porque sabe ela que naquela Casa a única makota do Ministério Público do Estado da Bahia é Dr.^a Márcia Virgens. (Palmas)

Então, eu quero falar, aqui, em nome da Dr.^a Ediene, mas também, como nos remeteu o nosso companheiro Ailton, falar como uma mulher de axé, como uma mulher do povo de santo, como uma mulher que tem a sua religiosidade de matriz africana.

Eu quero saudar também o Plenário na pessoa da egbomi Nice, essa mulher cativante, essa mãe, essa irmã, acolhedora de todos nós, todos nós conhecemos de perto o carinho de mãe Nicinha. E eu quero saudar todos os irmãos de santo deste Plenário, na pessoa de egbomi Nice. (Palmas)

Eu cheguei aqui, deputado e meus companheiros de Mesa – Tata Ricardo, sua benção –, eu cheguei aqui hoje à tarde, fui uma das primeiras a chegar. E eu cheguei pesarosa, eu cheguei triste, por conta do momento político que nós estamos vivendo no nosso país. Mas eu confesso para vocês que está sendo uma tarde extraordinária, porque eu ouvi o nosso companheiro Sílvio Humberto, ouvi o nosso companheiro, colega Samuel Vida, ouvi o nosso companheiro Ailton Ferreira, ouvi o nosso Tata Ricardo, ouvi a capitã e todas as pessoas que aqui me antecederam. Isso fez uma transformação no meu coração, fez uma transformação no meu *mutuê*. E eu vou sair daqui com uma certeza de que isso tudo, todos esses momentos difíceis, eles serão passageiros, porque como bem colocaram todos os que me antecederam: se nós conseguimos chegar nessa terra, que não era nossa terra, se muitos de nós ficaram no meio do caminho, os que aqui chegaram foram os melhores. Quem conseguiu sobreviver nesse holocausto que foi impingido a nós, negros, nessa travessia... Se aqui chegamos e aqui continuamos, resistimos, muita coisa boa nós ainda vamos conseguir transformar na nossa terra. (Palmas)

As palavras serão breves, porque muitos ainda irão se pronunciar. Mas eu quero deixar aqui a minha mensagem, nesse ano que nós completamos 70 anos de Declaração dos Direitos Humanos, no próximo dia 10 de dezembro, 21 anos que o Ministério Público da Bahia, pioneiro, criou a primeira Promotoria de Combate ao Racismo, 130 anos da Abolição, quero aqui reiterar que deveremos permanecer juntos, lutando, resistindo e com a força de Xangô nós seremos vitoriosos.

A benção a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula): Assistiremos a um vídeo.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Nesse vídeo com fotos do Terreiro Raiz de Ayrá a fotografia é de Tacun Lecy, a quem nós aproveitamos para agradecer pela perfeição (palmas) e pelo que ele representa da identidade e de demonstração da força, do papel e da importância do candomblé para as identidades baiana e brasileira.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Neste momento eu vou fazer uso da palavra muito brevemente, na condição de proponente desta sessão. Vou falar daqui

mesmo, até pelo elevado da hora, e também porque a emoção nos reserva determinadas reações e surpresas, e não posso deixar de expressar tamanha emoção que gente vive numa sessão como esta.

Quero até pedir licença a toda a Mesa para não saudar nominalmente todas e todos aqui presentes e saudar, em nome de Mãe Mariá, todos e todas que representam esta Mesa. (Palmas) Quero pedir a benção aos de a bênção e saudar todos e todas aqui presentes.

Pedir licença e desculpas à nossa assessoria, que preparou um discurso de cinco laudas e eu não vou utilizar o discurso, mas confesso que ele preenche este momento e retrata, acima de tudo, o que todos e todas gostariam de estar pronunciando numa tarde como esta de hoje, além do que já foi aqui pronunciado.

Mas eu retomo, aqui, esse momento. Estamos a atravessar o pior dos momentos político, social e econômico do povo brasileiro sob o efeito da extensão de um golpe que não apenas vitima um partido ou uma representação política, ou representações políticas, mas que tem como objetivo central extrair direitos conquistados pela sociedade civil organizada, pela classe trabalhadora.

Num país em que temos assegurados pela Constituição direitos de expressão, de escolha religiosa, de orientação sexual e de respeito aos diversos setores da sociedade, a gente tem a enfrentar um processo intenso de retiradas de direitos e de alterações na própria Constituição sem o fórum de representação e legitimidade para essas alterações.

Mas a força que nos trouxe até aqui, o que muito bem retratou uns poucos momentos de reflexão da história aqui apresentada pela capitã Thaís, foi a força que permitiu que por séculos pudéssemos sobreviver, existir, transferir conhecimentos pela oralidade, reagrupar, refamiliarizar, reconstituir a estrutura de sociedade e manter viva a nossa identidade cultural pela força da nossa fé, da nossa crença religiosa. Não se pode deixar de retratar que 100 anos não é apenas uma celebração, é uma identificação, é um reconhecimento.

E esta Casa no dia de hoje não faz nada além do que o compromisso e o respeito de reconhecer que 100 anos não se passaram como 100 dias, mas que se registra como 100 anos de luta, de afirmação, de conhecimento e, por que não dizer, de serviços prestados à sociedade.

Não é apenas o município de São Félix que é homenageado no dia de hoje ou que deve ser reconhecido pelos feitos do terreiro, é a Bahia, é o Brasil, são os brasileiros e brasileiras. Somos nós, negros e negras, que, no dia de hoje, a palavra que representa toda a nossa disposição é: agradecimento, é agradecer, e agradecer muito por 100 anos de perseverança, de luta e de afirmação da nossa identidade, de resistência num processo de luta, de superações, mas, acima de tudo, de conquistas.

Cem anos depois adentrar numa Casa como esta pela porta da frente, sem precisar omitir a nossa religiosidade, sem precisar esconder os nossos turbantes, sem retirar as nossas contas; 100 anos depois se pode, hoje, dizer que esta Casa, um espaço de representação dos interesses da sociedade, como a Casa do Povo nos recebe.

E que, aqui, nós utilizamos como sessão especial para dizer que não foram em vão todas as lutas, todas as lágrimas, todas as angústias, todos os sofrimentos, todas as torturas e até mesmo as despedidas ou as partidas. São 100 anos que celebramos pelo papel e pela importância, que a fala de todos e todas aqui, hoje, retrataram a importância da continuidade.

Não vou alongar além disso, mas quero, mais uma vez, dizer obrigado aos filhos, obrigado a todos os regentes que por lá já passaram, e obrigado, mãe, por me permitir que no dia de hoje pudesse estar neste local na condição de deputado estadual, representando uma comissão que para a gente é estratégica, é uma trincheira, é um instrumento das nossas lutas, que é a Comissão de Promoção da Igualdade Racial da Assembleia Legislativa, reconhecendo a importância desses 100 anos de luta.

Quero, nos agradecimentos, ainda estender que é simbólico a sessão ser realizada na Assembleia Legislativa, no Plenário principal desta Casa, mas é mais significativo a presença de todos e todas aqui. É mais significativo a ocupação desse espaço, é mais reconhecido da conquista a nossa presença.

Nós temos a clareza de que iremos enfrentar, e estamos já a enfrentar, momentos de muitas dificuldades, a enfrentar a retomada de um governo que nos exclui, que não nos respeita. E não é à toa que tem crescido de forma muito acentuada a intolerância que, eu me permito dizer, não é intolerância, é o culto à raiva, à ira aos adeptos e seguidores das religiões de matriz africana.

Sinto-me, nobre deputado, sempre deputado, Isaac Cunha, muito tranquilo para dizer que esta sessão não é uma sessão de enfrentamento, mas é uma sessão que nos remete para um debate, um processo de discussão que transcende a nossa fé ou a nossa religião de escolha, mas que remete a sociedade à necessidade de reconhecer que o candomblé é o esteio principal da nossa identidade sociocultural, que é através dos ensinamentos trazidos da Mãe África e das experiências vividas nas diversas linhas de conhecimento que pauta a sociedade em nosso país.

E eu não poderia deixar de dizer obrigado, obrigado e vida longa, porque 100 anos passam como 100 dias, mas 100 dias não apagam a existência e as conquistas de 100 anos.

Muito obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Neste momento, quero convidar Mãe Mariá para receber uma singela homenagem desta Casa e da comissão.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Procede-se à apresentação musical.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Neste momento concedo a palavra a mãe Mariah.

A Sr.^a MARIAH:- A bênção aos meus mais velhos, a bênção aos meus mais novos, a bênção aos meus iguais, a bênção a todos os presentes. Agradeço a esta Mesa, ao deputado Bira Corôa por esta homenagem ao centenário do Terreiro Raiz de Ayrá. Agradeço a *Olorum* por ter permitido, por me dar o direito de, aos 84 anos, enfrentar um terreiro de 100 anos, vindo de um baluarte, de um pai de santo das antigas, que começou o candomblé, como ele falou, com os paus fincados no quintal, pois não tinha condições de fazer o terreiro.

Um dos frequentadores... eu tenho o recibo guardado no valor de 15 mil réis, 15\$00, eu tenho guardado. Chegou uma historiadora no meu terreiro e disse: “A senhora tem uma riqueza. Isto, aqui, já está largando os pedaços, amarelo pelos anos.” Esse fazendeiro, Arthur dos Santos Reina, Arthur com th, eu tenho esse recibo, eu tenho meus documentos todos em casa. Tudo isso que está acontecendo aqui, tenho tudo registrado, papel ofício que era branco está amarelo de 1959 para 2018.

Mas enfrento esse terreiro desde 1975. O pai de santo viu que não tinha mais como levar a casa e a entregou a mim, devido a minha dedicação e, 10 meses depois, ele veio a falecer.

Então, ficamos eu e meu irmão, que era *pejigan* da casa. Mas, infelizmente, estamos aqui no aiyê, mas é passageiro, e há 7 anos ele foi chamado para o *orun*, e eu hoje levo essa casa com essa idade, como ele diz que eu levanto 5 da manhã, sou resistente, sou uma mulher de fibra, sou guerreira com 84 anos. Que venham outros 84! Mas acho que resisto, porque *Xangô* me disse: “Minha filha, onde a senhora tirar o seu pé, eu vou cobrir, e em cima da senhora não tem nada.” Vários já foram para o *orun*, porque disseram que eu não era para ficar no lugar, porque eu só tinha 16 anos de iniciada quando ele me deu esse posto. E pessoas que já tinham 60 anos na casa disseram: “Não, está errado. Eu vou matá-la! Eu vou matá-la!”

Aonde? Aonde? *Xangô* é mais! *Xangô* é justiça! Eles todos estão no *orun*, e eu aqui.

Meu muito obrigada, gente, porque estou muito nervosa.

A bênção. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa Lula):- Nós agradecemos. Dizem que, chegando ao final, a gente fica sempre com um pouco mais de saudade, querendo sempre um pouco mais. Mas eu quero, antes de mais nada, agradecer especialmente a presença de todos e todas, agradecer aos servidores desta Casa, agradecer à imprensa presente, especialmente à TV Assembleia. Agradecer à nossa assessoria pelo empenho, por proporcionar esta atividade que realizamos no dia de hoje. Agradecer a Gersa (palmas), porque foi um empenho, uma dedicação, uma capacidade de superação que nos permitiu estar no dia de hoje. Agradecer a todos e todas que compuseram esta Mesa.

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença das autoridades civis, militares, das senhoras, dos senhores, da imprensa e declaro encerrada a

presente sessão (palmas), ao mesmo tempo em que convido todos e todas para, no salão de receptividade, ao lado, a gente participar de um coquetel. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.